

Guimarães, 8 de Julho 2010, XII Congresso Internacional de Formação para o Trabalho, Norte de Portugal/Galiza.

Conferência Inaugural

## Novos profissionais da educação e formação: é preciso recomeçar enquanto continuamos a caminhar.

Joaquim Azevedo<sup>1</sup>

Obrigado, mais uma vez, pelo vosso amável convite desta feita para proferir a conferência inaugural do vosso XII Congresso, que vivamente felicito. O tema escolhido é muito pertinente e oportuno: os novos profissionais da educação e da formação para o trabalho, desafios e exigências da aprendizagem ao longo da vida.

A minha reflexão incide sobre dois pontos de enquadramento conceptual e sobre quatro desafios que ousou deixar-vos para vossa consideração: podeis fazer deles o que quiserdes, já fico contente por os poder enunciar, certo de que os enuncio como um fruto de uma experiência acumulada, com honestidade intelectual e com esperança num futuro mais justo e solidário, que favoreça a emergência luminosa do rosto de todos e de cada um dos seres humanos que povoam a Terra.

1.

Filósofos e sociólogos apontam para a emergência da sociedade de “risco” (Beck), da sociedade “líquida” (Bauman), da sociedade “invisível” (Innerarity), da sociedade “vulnerável e precária” (Castel), da sociedade do “conhecimento” (Carneiro). Há uma forte tendência para assinalarem as mudanças de paradigmas, a aceleração da indeterminação do presente e do futuro, a persistência das desigualdades e, em muitos casos, das injustiças sociais e da fome, a sobreinformação e, ao mesmo tempo, a crescente dificuldade de se saber o que se passa, as perdas progressivas das tradicionais referências territoriais nacionais (Innerarity diz mesmo que “o estado nacional transformou-se em actor semi-soberano”, 2004:109), o aumento das redes de pertença e o surgimento da nova sociedade reticular, sem centros muito definidos, a transformação da política numa representação e em jogos complexos de sedução, em que tende a vencer a melhor encenação em vez do debate e da escolha da melhor proposta, o alargamento da insegurança e do medo junto de todos os cidadãos, que faz disparar a procura de múltiplas seguranças, a constatação, um pouco desesperada ou pelo menos impotente, acerca da desorientação face ao futuro, que deixou de ser aquilo para que ele foi e continua a ser projectado, as mudanças profundas no trabalho, fruto tanto de constantes alterações técnicas como da sobredeterminação de uma lógica “eficientista”, determinada pelo desejo de enriquecimento galopante de uma minoria, as alterações profundas nas profissões e nos vínculos laborais, o desemprego de grandes franjas da população e o subemprego de muitas

<sup>1</sup> Professor Catedrático da Universidade Católica Portuguesa e membro do Conselho Nacional de Educação

Beck  
Innerarity  
(2004)  
Castel

Bauman ✓  
Castel ✓

outras. A lista é longa (e incompleta), esta realidade é conhecida, mas tem de ser sempre evocada, pois **é dela que temos de partir e a ela que temos de regressar**. A cada pessoa e ao seu contexto. Falamos afinal de educação e formação.

Todos estes sinais que prendem, uns mais que outros, a nossa atenção, suscitam simultaneamente desesperança e ânimo, desencadeiam tanto a vontade de ficar cada vez mais ensimesmados, em protectoras “comunidades de mesmidade” (Bauman), como a disponibilidade para construir uma sociedade de rosto solidário e justo, pois um futuro assim tão aberto retira-nos da frente dos olhos as supostas fatalidades de muitas narrativas com que nos animavam (ameaçavam) no passado. A liberdade é imensa, o difícil é exercê-la de modo autónomo, responsável, livre e solidário. A contingência tomou o lugar da certeza e dos múltiplos determinismos. E, como o futuro está aberto, a política, o espaço público, a polis, o exercício da humanidade de cada um e da cidadania, é o único lugar onde mora a construção social fascinante de um mundo de rosto mais humano, neste início crítico do Séc. XXI. As crises sociais constituem grandes oportunidades históricas, assim as saibamos viver e pensar, passo a passo.

Como nos têm lembrado constantemente organizações mundiais como a ONU e a UNESCO, o ser humano está no princípio, no meio e no fim de qualquer processo de desenvolvimento. Mais, o desenvolvimento humano é o próprio eixo central do desenvolvimento social. Só uma perspectiva antropológicamente fundada e valorizadora da alteridade nos pode permitir, na prática, valorizar a democracia e a paz, a justiça e a solidariedade. Nas sociedades humanas, o destino comum é indissociável do destino de cada um e o destino de cada um é indissociável do destino comum: ninguém se salva sozinho, estamos todos no mesmo barco que aparentemente se afunda. Se a subjectivação do destino humano transporta para as agendas políticas novas visões e novas prioridades, apela sobretudo para novos processos sociais, na busca de novos resultados acessíveis a todos.

2.

A pedagogia é esse racional teórico-prático que procura compreender o desenvolvimento humano, onde assenta toda a educação. E à pedagogia subjazem princípios fundamentais que orientam qualquer instituição e acção educativas.

A pessoa humana, cada pessoa, está no centro de toda a actividade educativa: em cada jovem, em cada profissional, em cada idoso com que deparamos mora sempre uma pessoa única, com uma dignidade inalienável e inviolável, que está acima e antes de qualquer enquadramento institucional ou função social. A educação e a formação são essa “arte” de promover o desenvolvimento humano de cada pessoa, que nasce incompleta e só se des-envolve verdadeiramente na medida em que dá lugar ao outro e este o des-oculta solidariamente e convoca a desabrochar a humanidade indizível que o habita. Por isso, as aprendizagens (escolares e sociais<sup>2</sup>) não se traduzem apenas em percursos de socialização e de formação para

---

<sup>2</sup> Uso os termos educação escolar (a que se refere ao sistema de educação pré-escolar e ao ensino de todos os tipos, desde que realizada no contexto escolar, com programas de estudo, perfis de docentes pré-definidos, avaliação, certificação e diploma escolar) e educação social (todas as modalidades de educação realizadas nos contextos sociais mais heterogéneos, sem características escolares) para evitar cair na

